



Produção científica feminina em tempos de isolamento social

Talita Ferreira Gonçalves Sanches¹; Greici Hellen Gonzaga da Silva²; Stéfany Silva Rodrigues³; Wanessa de Sousa Torres⁴

¹²³⁴ Graduandas em Psicologia da Universidade Federal Fluminense polo Campos dos Goytacazes;

*[*taliitafgs@gmail.com](mailto:taliitafgs@gmail.com)*

Resumo

O presente trabalho tem como finalidade analisar através de notícias quais as influências da pandemia do COVID-19 na produção científica feminina e como esse novo cenário impactou a vida pessoal e acadêmica das mulheres. Para alcançar esse objetivo, o método utilizado foi realizar uma pesquisa de dados e notícias no buscador “Google”, assim verificando a produção científica feminina em tempos de isolamento tomando como pressuposto aspectos preponderantes tais como raça, classe e gênero. Somado a isso, foi feito uma busca por artigos que abrangessem o tema, para fundamentar as informações encontradas. Seguidamente, os resultados da busca revelaram um aprofundamento das opressões pré-existentes por meio da constatação da queda vigorosa de produção científica feminina em comparação a masculina por consequência da atribuição de jornadas duplas ou triplas presentes na vida das mulheres e que acabam impactando em suas carreiras no meio científico. Questões como essas, poderiam ser resolvidas através da superação do sistema político vigente para um novo que não se privilegiasse com tais opressões vivenciadas pelas trabalhadoras da ciência.

Palavras-Chave: Mulheres. Pandemia. Ciência.

Introdução

Historicamente o acesso ao ambiente acadêmico foi negado às mulheres e as mudanças em torno de sua participação ocorre ao longo dos séculos através das revoluções históricas na política, como também na própria ciência. A jornada científica das mulheres é atravessada não só por questões de gênero, como também de raça e classe. De acordo com Tosi (2012), a introdução da mulher nesse meio era restrita as integrantes de famílias burguesas e nobres que tinham uma educação de qualidade, porém ainda limitadas em relação ao campo de seus estudos em comparação aos homens de suas épocas. Sendo assim, estas mulheres eram compelidas a se dedicarem as áreas que fossem associadas ao cuidado, por ser um espaço reservado ao feminino.

Essa realidade se faz mais presente na vida das mulheres negras, que lidam com a confluência do preconceito de gênero, raça e comumente de classe, denominado por Gonzalez (1982) como a tripla opressão. Essa junção acarreta em diversos empecilhos para inserção da mulher negra no meio científico como é apontado no Censo da Educação Superior de 2016 feito pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), onde evidencia o baixo número de mulheres pretas professoras de programa de pós graduação, que é inferior a 3% e também em uma pesquisa realizada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento



Científico e Tecnológico (CNPq) em 2015 a qual aponta que apenas 7% das bolsas de produtividade são destinadas a mulheres negras.

Diante dos pontos expostos, o presente resumo tem por objetivo enfatizar a relevância da produção científica feminina em âmbito nacional e em situação de crise mundial decorrente da pandemia do COVID-19. Além disso, espera-se averiguar como os problemas devido às estruturas patriarcais e racistas que sustentam a atual sociedade capitalista, afetam a vida dessas mulheres no campo científico durante o isolamento social exigido pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

Metodologia

Inicialmente, realizou-se uma pesquisa no buscador *Google* sobre possíveis notícias em relação a produção científica feminina. Com essa pesquisa, buscou-se averiguar como está a criação científica realizada por mulheres em território brasileiro, seu desenvolvimento e quais impactos essas contribuições têm gerado na sociedade, além de almejar investigar de que forma a crise instituída pela pandemia pode ter afetado tal produção.

Para a realização dessa pesquisa, foi feita uma busca por notícias relacionada a pandemia do vírus, de nome científico SARS-Cov-2 ou COVID-19, datadas entre o mês de abril de 2020 até junho de 2020. Nessa busca, procurou-se por artigos que contemplassem a temática da produção científica de mulheres para embasar a análise das notícias anteriormente adquiridas.

Resultados e discussão

Diante o exposto acima é possível constatar que a mulher sempre ocupou o lugar do outro na sociedade, o outro como aquele que os direitos sempre foram tutelados, cerceados e invisibilizados, o outro que é estigmatizado e assim, indigno de ocupar um lugar de ascensão e protagonismo. Muitas mulheres tiveram seus trabalhos apropriados por homens ou receberam menos crédito do que mereciam por suas contribuições à ciência, ficando às sombras da figura masculina. Algumas dessas mulheres foram agraciadas com prêmios e reconhecimentos por seus feitos científicos muitos anos depois ou apenas postumamente, enquanto outras tantas não saberemos ao menos que foram as reais autoras de certos trabalhos.

Desta maneira, esse fato é evidenciado pelo pequeno número de mulheres que receberam o Prêmio Nobel, que é um dos maiores símbolos de reconhecimento de pessoas e/ou instituições que geraram contribuições notáveis a humanidade. É importante ressaltar em quais categorias estas mulheres têm sido premiadas, haja vista, que esse dado revela em quais espaços a presença das mulheres é tolerada. Conforme informações do site oficial Nobel prize (2020), as três categorias que mais reconhecem as contribuições femininas são o Nobel da Paz, o Nobel de Literatura e o Nobel de Medicina, respectivamente. Não coincidentemente essas esferas representam os âmbitos que a sociedade resguarda ao feminino.

Além disso, quando se analisa o viés racial dessas premiações é possível observar que o entrelaçamento das estruturas capitalistas, patriarcais e raciais delimitam ainda mais as possibilidades de mulheres não brancas serem laureadas, e como consequência, é visto uma inexistência de mulheres negras gratificadas pelo prêmio Nobel na área científica, tendo apenas quatro escolhidas nas categorias Literatura e Paz. Além do índice quase inexistente de mulheres ditas árabes e asiáticas condecoradas. (Nobel Prize, 2020)



Apesar de todo o desprestígio que as produções científicas de mulheres tem recebido ao longo da história, suas descobertas impactaram a sociedade e continuam a gerar importantes avanços. Atualmente, são notáveis as suas contribuições em meio a crise gerada pelo coronavírus, seus efeitos no combate ao COVID-19 e as consequências que essa pandemia tem acarretado.

Dentre as inúmeras contribuições femininas, uma que se destaca a nível internacional, foi o sequenciamento do genoma do coronavírus pelas cientistas brasileiras Ingra Morales Claro, Erika Manuli, Ester Sabino, Flávia Salles e Jaqueline Goes de Jesus. A equipe desenvolveu um método que diminuiu o tempo habitual para o sequenciamento de um genoma. “Enquanto a média de sequenciamento em outros países é de 15 dias, equipe brasileira liderada pelas cientistas realizou todo o processo em 48 horas” (PARA MULHERES NA CIÊNCIA, 2020)

Outra notícia digna de nota refere-se ao Laboratório de Investigação Pulmonar (LIP) da UFRJ, estando a frente de pesquisas e terapias que auxiliem ao enfrentamento dos problemas respiratórios decorrentes da COVID-19 e sendo composto em 90% da sua equipe por mulheres, como explica Patrícia Rocco, professora-chefe do laboratório. (PANORAMA FARMACÊUTICO, 2020)

Soma-se a essas colocações mais um feito em prol do avanço científico desenvolvido por mulheres, como a identificação do primeiro caso de coronavírus em humanos, na qual foi descoberto primeiramente pela virologista escocesa June Almeida, a mesma cientista que realizou pesquisas relevantes a respeito da rubéola, hepatite B e do HIV. (GOZZO, 2020)

Entretanto, é imprescindível destacar que mesmo com todo o desenvolvimento que as mulheres conseguiram forjar para a sociedade em meio a crise atual, as suas descobertas são permeadas a todo momento pelas estruturas patriarcais e racistas que regem o sistema capitalista, acarretando em diversos entraves à produção científica dessas mulheres em comparação aos homens.

Conforme o exposto, de acordo com *Parent in Science* os dados sobre produção científica no país, nesse período de pandemia, fazem jus ao modelo societário estabelecido e a disparidade de gênero. Isto é evidenciado através de uma pesquisa realizada com 6.000 acadêmicos em território nacional, na qual revela que apenas 10% das mulheres mães em pós graduação e 5% deste mesmo público, em pós doutorado, estão conseguindo realizar pesquisas. (GARCIA, 2020)

Segundo Angela Davis (2016), em seu livro “Mulheres, raça e classe”, um dos segredos radicais da libertação feminina está ancorado na socialização do cuidado das crianças, assim como da preparação das refeições e da industrialização, de modo acessível à classe trabalhadora, das tarefas domésticas. A partir disso, nota-se que a situação opressora que as mulheres estão submetidas durante a pandemia é reflexo de uma lógica construída há séculos e sustentada por vias do capitalismo, portanto, segundo a autora o caminho viável para o fim da escravidão doméstica seria pôr em cheque a validade do capitalismo monopolista e seguir em direção ao socialismo.

Conclusão

Além dos contratempos envolvidos na vida das mulheres cientistas, é evidenciado também fatores de grande influência como preconceito racial, de gênero, classe, e ainda assim as mesmas continuam a produzir e contribuir cientificamente, entretanto em menor escala comparado com o período anterior ao isolamento. Haja vista que a coluna de sustentação desses meios de opressão feminina é o capitalismo, a via possível de enfrentamento desse mal é a problematização desse sistema.



Referências

CONSTENLA, Tereixa. O papel das mulheres na história da ciência. **EL PAÍS**. 17 set 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/14/cultura/1505400027_400435.html. Acesso em: 28 jun. 2020

DAVIS, Angela. Mulher, raça e classe. Boitempo: São Paulo, 2016.

GARCIA, Janaina. Produção científica de mulheres despenca na pandemia - de homens, bem menos. **UOL**, 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/05/26/pandemia-pode-acentrar-disparidade-entre-homens-e-mulheres-na-ciencia.htm>.> Acesso em: 25 jun. 2020.

GIRARDI, Giovana. Produção Científica de Mulheres despenca em meio a pandemia de Coronavírus. Estadão, 18 mai 2020. Seção (se houver). Disponível em: <https://ciencia.estadao.com.br/noticias/geral,producao-cientifica-de-mulheres-despenca-em-meio-a-pandemia-de-coronavirus,70003306675>. Acesso em: 16 jun. 2020.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel T. (Org.). O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982, p. 87-103.

GOZZO, Marcelo. June almeida: a doutora que não terminou o ensino médio e identificou o primeiro coronavírus. **Instituto Butantan**, 2020. Disponível em: <http://coronavirus.butantan.gov.br/ultimas-noticias/june-almeida-a-doutora-que-nao-terminou-o-ensino-medio-e-identificou-o-primeiro-coronavirus>>. Acesso em: 25 jun. 2020.

LABORATÓRIO brasileiro comandado por mulheres busca terapia para reduzir letalidade da Covid-19. **Panorama Farmacêutico**, 2020. Disponível em: <https://panoramafarmacutico.com.br/2020/06/10/laboratorio-brasileiro-comandado-por-mulheres-busca-terapia-para-reduzir-letalidade-da-covid-19/>. Acesso em: 14 jun. 2020.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. As Mulheres Negras E A Ciência No Brasil: “E Eu, Não Sou Uma Cientista?” **Com Ciência**, 8 fev 2019. Disponível em: <http://www.comciencia.br/as-mulheres-negras-e-ciencia-no-brasil-e-eu-nao-sou-uma-cientista/> Acesso em: 01/06/2020.

PESQUISADORAS brasileiras da USP sequenciam genoma do coronavírus em tempo recorde. **Para mulheres na Ciência**, 2020. Disponível em: <https://www.paramulheresnaciencia.com.br/noticias/pesquisadoras-brasileiras-da-usp-sequenciam-genoma-do-coronavirus-em-tempo-recorde/>. Acesso em: 21 jun. 2020.

TAVARES, I.; BRAGA, ML de S.; LIMA, B. S. Análise sobre a participação de negras e negros no sistema científico-Parte II: As negras e os negros nas bolsas de formação e de pesquisa do CNPq. 2015. Disponível em: <http://www.cnpq.br/documents/10157/66f3ea48-f292-4165-bf7b-8d630bdc8f9f>> Acesso em, v. 28, 2018.

Todos os prêmios Nobel. NobelPrize.org. Nobel Media AB 2020. quarta-feira 8 de julho de 2020. <https://www.nobelprize.org/prizes/lists/all-nobel-prizes>

TOSI, Lúcia. Mulher e ciência: a revolução científica, a caça às bruxas e a ciência moderna. **Cadernos pagu**, n. 10, p. 369-397, 1998.